

REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM ESTUDO DESCRITIVO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹.

Sara Viana (1);

Aluna da Graduação, Licenciatura em Pedagogia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – sarahh.vianna@gmail.com

Stéphane Silveira Francelino (2);

Aluno da Graduação, Licenciatura em Pedagogia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) –stephani260805@hotmail.com

Maria de Fátima de Andrade Ferreira (3)

Doutora em Educação
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – mfatimauesb@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa analisou representação da violência na escola, observando ocorrências do fenômeno entre alunos, de que modo esses sujeitos se comportaram na escola e seus professores reagem diante do problema na sala de aula. O fundamento teórico baseou-se em Abramovay (2009), Charlot (2002), dentre outros e o percurso metodológico pautou-se nos princípios da pesquisa descritiva e qualitativa (GIL, 2002) e representações (BOURDIEU, 1990). Os resultados apontam que para os participantes, a violência tem sua origem nos problemas relacionados à realidade vivida por eles no cotidiano escolar e social e expressa a representação da violência física e/ou simbólica. O problema da violência na escola deixa de ser visto como apenas dos alunos, moradores de periferias com elevados índices de violências e passa a ser também da escola, o que está em jogo é a capacidade da escola de gerir conflitos.

Palavras-Chave: Violência na Escola. Representação da Violência. Cotidiano Escolar.

Introdução

Vivemos em um contexto social onde a violência se manifesta de modo que em determinados momentos se confunde com algo natural, banal, um fenômeno comum. Atualmente, é comum ligar a televisão ou outro meio de comunicação e se deparar com diversas formas de violência em noticiários e, muitas vezes, não se tem o cuidado com as formas de divulgação, definição, socialização do fenômeno/fato com a sociedade.

A partir desse entendimento, a presente pesquisa analisou representações da violência na Escola, observando ocorrências do fenômeno entre alunos, de que modo esses sujeitos se comportam na sala de aula/espacos da escola e o professor/escola reage diante do problema. O aporte teórico baseou-se no conceito de violência em Bourdieu (1990), Dandoun (1998), Michaud (1989) e representação da violência na escola. Para o autor (1989), a representação influenciada

¹ Esta pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UESB) faz parte das atividades de pesquisa do Projeto Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola – olhar, pensar e agir sobre a formação de valores, atitudes e permanência do aluno na sala de aula (FAPESB/UESB), sob a Coordenação da Professora Doutora Maria de Fátima de Andrade Ferreira (UESB), do Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares (UESB).

pelas ideias, crenças e valores vigentes nas sociedades, se encontra presente nas práticas cotidianas, linguagem, *habitus*, concepções sociais e a violência simbólica/institucional demonstra uma inquietação para a escola, uma falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos (CHARLOT, 2002). A complexidade da violência na/da/dentro da escola e discussões na Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência (FAPESB/UESB) contribuíram com o reconhecimento de que a violência se manifesta como um dos problemas que afeta a escola, a aprendizagem e permanência dos alunos na sala de aula (FERREIRA, 2015). A partir daí, surgiu a intenção de levantar representações de violência por alunos na Escola Pública Municipal Dona Rosa, Itapetinga-BA, observar de que modo influencia (ou não) no desempenho dos alunos e os professores reagem diante do problema (ameaças, brigas, socos, uso de armas, furtos/roubos, xingamentos) na escola.

Os resultados apontam que, para os participantes a violência tem sua origem nos problemas relacionados à realidade, expressa a representação da violência física e/ou simbólica retratada pela agressão física, o uso de arma de fogo no espaço citadino. O problema da violência na escola deixa de ser visto como apenas dos alunos, moradores de periferias com elevados índices de violências e passa a ser também da escola, o que está em jogo é a capacidade da escola de gerir conflitos.

Revisão de Literatura

Violência é tema em discussão na sociedade atual, considerando suas especificidades, classificação, definições e o nível da consciência social dos sujeitos sobre o problema, o sentimento de insegurança e medo, conflitos de civilidades entre professor-aluno na escola e outras questões.

No Dicionário Aurélio (2010), violência [do latim *violentia*] é definida como “qualidade de violento; ato violento/de violentar; tirania, opressão, constrangimento físico ou moral; uso da força; coação, abuso da força. Abramovay e Rua (2002), Peralva (1997), Gonçalves e Spósito (2002) tratam do tema “escola e violência” e definem violência como um fenômeno urbano e suas consequências afetam a qualidade de vida de populações menos favorecidas, dos que moram em periferias, onde a segurança se constitui como um problema, inclusive para a escola. Gonçalves e Spósito (2002) lembram que violência ganha debate público no processo de democratização, na década de 90 e a violência na escola se torna mais complexa, atinge o ambiente pedagógico, se sustenta nas incivildades que podem se dar contra o ambiente físico ou mesmo contra pessoas. A polissemia e complexidade de violência escolar, suas especificidades e relação entre violência urbana são importantes para entender a representação da violência por alunos e, para Bourdieu

(1974), a violência simbólica se define pela “crença” na legitimidade daqueles que exercem o poder pelos indivíduos/grupos que estão sujeitos a ele, sendo que, o sistema simbólico se reproduz “sob forma irreconhecível, por intermédio da homologia entre o campo da produção ideológica e o campo de classes sociais, a estrutura do campo de classes sociais” (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Para Bourdieu (1989) violência se impõe como realidade de crueldade, maldade, insensibilidades de diferentes modos, o social se apresenta nos corpos e instituições e as disposições são incorporadas por meio do mundo social, no qual o indivíduo vive experiências do início da infância até o fim da vida. A violência simbólica, atos de agressividades, xingamentos, depredações, *bullying* são violências na escola e estão lado a lado com ações em que o professor submete os alunos a situações difíceis, a práticas autoritárias, impedindo a participação, de dizer o que pensam/sabem/gostariam de saber e se coloca como produtor do conhecimento. Diante desta realidade, a escola enfraquece sua função como espaço de socialização, educação, processos de ensinar-aprender, espaço apropriado para preparar o indivíduo, a formação da cidadania, socialização e construção do conhecimento.

Resultados e Discussões

O estudo foi realizado em uma Escola Pública Municipal, situada no Bairro das Flores, Itapetinga – BA, possui um total de 257 alunos matriculados nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A escolha deve-se a sua localização, próxima a bairros periféricos, com altos índices de violência, atender alunos dessas localidades e a teia de relações de convivências que se estabelecem entre alunos, um “campo” apropriado para “pensar relacionalmente” (BOURDIEU, 1989), operando como conceito orientador dos percursos da pesquisa. O levantamento bibliográfico definiu termos representação e violência simbólica e mecanismos utilizados pela sociedade, escola e seus sujeitos como atos/expressões de violência, uma violência simbólica que tem como objetivo atingir o outro de forma agressiva, negativa, sob formas de dominação e poder.

Os desenhos dos alunos foram importantes para identificar o que sabem/pensam sobre violência e procedimento complementar às conversas informais e registros fotográficos de movimentos, brincadeiras, teias de interações de convivência entre eles. Os alunos têm entre 6 e 16 anos, moram em bairros periféricos, com diferentes históricos de violência, ocorrências policiais cotidianas, latrocínios, brigas, assassinatos e outros. Para a direção e professoras, os alunos apresentam situações de desigualdades socioeconômicas e sofrem consequências da violência doméstica/familiar, física que deixam marcas acusadas nos resultados do desempenho e convivência

escolar. O uso/tráfego de drogas, prostituição, gangues, pobreza, moradia em ambientes insalubres não oferecem condições de vida digna para eles e ficam sujeitos à marginalização. A entrada dos “aviãozinhos”, afetados pelas práticas de preconceito, autoritarismo, delinquência, exploração de traficantes que controlam, monitoram, muitas vezes, fazem mais uma vítima por assassinato. Para a escola, são alunos “inquietos”, “indisciplinados”, “não tem jeito”, excluindo-os. Uma professora diz: “[...] alunos inquietos, mas também, agressivos, dizem palavrões, ameaçam os colegas. Entre os tipos de violência observados durante os recreios (FIGURA 1), se destacam a violência física, verbal e simbólica.



FIGURA 1: Alunos durante o recreio.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Os alunos das séries maiores sempre brincam de correr perto dos menores e acontecem esbarrões que resultam em alunos machucados, chorando, brigas, xingamentos. Os desenhos expressam significados compartilhados, contribuindo com análise das representações, gerando diálogos informais entre pesquisador-sujeito pesquisado e permitiram significados à interpretação e construção de indicadores de violência por alunos. O desenho de João retrata violência urbana, um assassinato com porte de arma de fogo (FIGURA 2). Ele fala da situação como se fosse comum, ao que parece, lhe causa medo/terror, mas, ao mesmo tempo, a violência tornou-se naturalizada, banalizada.

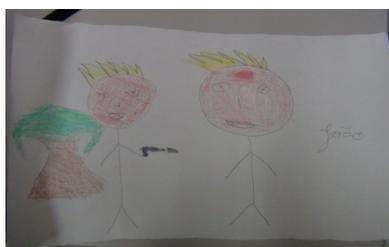


FIGURA 2: João, 9 anos
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Agressões físicas/verbais são formas de “se defender do colega” ou “descontar”, “devolver o troco” e resolver situações de conflitos entre eles. Para as professoras a violência está relacionada a problemas socioeconômicos, origem dos alunos, violência familiar/doméstica e a violência física

entre alunos são “agressividades próprias da natureza deles”, contudo, “não é o que se pensa ser”. Por pertencer a bairros periféricos violentos, problemática presente em suas vidas, são “frutos da violência” e “não tem mais jeito”, “brigam sempre”. Violência simbólica e institucional não são comentadas, apesar da diretora falar que “[...] vandalismos, arrombamentos, roubos, depredações, pichações, ocorridos por diversas vezes”. Foi possível observar e registrar entre alunos, ao levarmos em consideração o que falam e retratam nas representações gráficas sobre violência, que a violência física se apresenta com maior frequência, seguida da verbal e simbólica. Para os alunos, violência

- É brigar (Lucas)
- Bater nas pessoas (Ana)
- xingar... e bater (Adriano)
- Fazer “bulli” (Arthur)
- Falar palavrão (Ricardo)
- Empurrar (Cinthia)

Os alunos demonstram gostar da escola e de seus colegas, mas reclamam do quadro que não fica bem posicionado, do calor e raios solares que adentram a sala de aula e impede a leitura e realização das atividades escolares, de equipamentos inadequados, da violência fora e dentro da escola. O objeto de representação é percebido como violência física, verbal/simbólica e, neles reproduzem o que viram na rua. A violência social e escolar estão dentro da escola, mas a violência da/contra a escola também atingem os alunos, sem precedentes.

Conclusão

Neste trabalho podemos observar que a violência verbal, física e simbólica são as mais frequentes entre alunos e são retratadas por ameaças, brigas, socos, bate-boca com diversos xingamentos, gritos, descasos e, muitas vezes, se manifestam devido aos ambientes inapropriados para o processo de ensinar-aprender, brincar, jogar, sociabilidades. Os agentes são alunos, professores, diretoria e funcionários da escola. Os resultados indicam que os alunos sabem o que é violência e suas consequências, porém mesmo retratando violências diversas, tratam o problema de forma natural e banal, não como um problema grave. As professoras falam dos graves problemas dentro da escola, mas acreditam que estão num bairro mais tranquilo da cidade e relacionam a fatores estruturais da violência como desigualdades sociais, pertencimento e desequilíbrio familiar, origem de bairros periféricos, definem e representam violência como física, verbal, simbólica, *bullying*. Porém, destacam que o problema não é tão grave como em outras escolas. A forma de externalizar causas da violência na escola pode ser conveniente para os sujeitos (ABRAMOVAY e RUAS, 2002), mas foi possível observar que não é tão brando como acreditam e atinge a

aprendizagem do aluno que, por diversas vezes, volta para casa porque chegou atrasado, mora distante ou por não estar devidamente uniformizado. Portanto, a escola precisa buscar estratégias necessárias ao combate à violência que se encontra presente no cotidiano escolar, a participação da comunidade escolar e local para a superação do problema, desenvolver a consciência e representações que favoreçam a formação da cidadania e condição humana.

Referências

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. Lúcia; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas.** Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana-RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. das G. **Violências nas Escolas.** Brasília: Edições UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, 2002.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

_____. **O Poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Coisas ditas.** Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** **Sociologia**, ano 4, n.8, p.432-443, jul/dez. 2002.

DANDOUN, R. **A violência.** Ensaio acerca do “*homo violens*”. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** Editora Positivo: Curitiba, 2010.

FERREIRA, M de F. de A. Uma reflexão sobre o autoritarismo e a violência na educação no Brasil: mitos e antecedentes. In **Revista Actas. Actas del Tercer Congreso de Filosofía de la Educación.** v. 3/2015. Cidade do México: UNAM, 2015. p. 43-6. Disponível em: <http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/view/61> Acesso em: 30 de julho de 2016,

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** -4 ed. São Paulo: Atlas,2002.

GONÇALVES, L. A. O.; SPÓSITO, M. P. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cadernos de Pesquisa.** n. 115, p. 101-138. Março de 2002.

MICHAUD, Y. **A Violência.** São Paulo, Ática, 1989.

PERALVA, A. **Escola e violência nas periferias urbanas francesas.** Contemporaneidade e Educação. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 7- 25, 1997.